

a forma de mão

III Jornadas Llansolianas de Sintra
25 de setembro de 2011, Palácio Valenças, numa janela onde batia luz
aproximadamente 20 minutos.

este acontecimento é um trecho
de meditação arquivística com mesas, pastas e papéis
em Lisboa, Luís Derouet, bem depois, 12 de julho de 2012.

*

A singularidade de um percurso por um espaço é a própria vida com sua potência invisível. A história a quer silenciar em nome de vozes abstratas. Mas a suposta comunicação que essas vozes instauram não existe em texto que nos faça relaxar os maxilares.

E abrir ar na boca.

Para cada um de nós há um texto que não se coloca unidirecionalmente, que convida olhar mobilidades. Que permite emergir o silêncio no que ele suscita no ecoador. É que aprendemos aos poucos que o olhar também pode convidar o texto. Quando algum deles está parado, há dor de cabeça.

Um texto em que o emergir do silêncio não se confunde com falta de ação. Toda ação é vazia. Manifesta, mas não é nada que caiba em uma gaveta. Ainda não sabemos e jamais saberemos explicar o que é estar num espaço. O vazio o divide e expande para infinitas direções.

O corpo lida com representações, máscaras, espelhos. Ainda preciso de algo que me diga quem sou, que apoio em você, que só existe por causa de mim, e criamos supostamente juntos uns eles que é um grande outro olhando. Que fazer é o desse eu?

Eu-corpo.

Ainda estamos aprendendo que o texto modela o corpo e que o corpo também modela o texto. É que texto é espaço. Não adianta insistir ler do mesmo jeito depois da primeira vez.

Temos que descruzar os braços. Comunicar pode ser muito mais sem se impor à textura que a linguagem tem em cada um de nós.

O que interessa é o ponto de encontro entre o que quer que seja e o que for. A mão só sabe como é depois de pegar. É que o que chega à mão também toca nela. Mas não há garantia nem hierarquia, diz a amiga Érica.

Proximidades e distâncias: O contato com materiais que o outro tocou são fulgores, apontamentos, clarões. Para sempre outros, como em vida não permanecemos.

O papel aberto também rasga o arquivista.

De nada nos serve pressupor que a vida arquivada tenha algo, quando a pintamos estável e, com clareza, identificável. O que prova é a necessidade desse tipo de memória na internet, na tentativa de representar-me a mim mesmo. Falo da banalização de um arquivo universal cada vez com mais dificuldade de manter-se preso aos eus. O mundo não escapará do generoso e do gratuito, do abundante. É outra a festa que nos cabe.

Que outro tipo de verdadeiro que não seja o próprio corpo? Prova improvável do rasto.

Outros corpos continuam depois da pessoa ir embora. E outros corpos continuam se refazendo e se deformando nela.

Um humano que se inscreve pelos remetentes, pelas companhias e pelos rascunhos, matéria leve e não coisa. Escrevente. Legente. Figural do cotidiano.

Vivo, esse ser, provisório como qualquer outro. Não somos plenos. Mas o fulgor que veiculamos é certo como a montanha. A linguagem que utilizamos é confiar na distância.

*

Bernardo Romagnoli Bethonico nasceu em 1984, quando Plutão entrou pela primeira vez no signo de Escorpião.

bernardorb@gmail.com